

## **SINCRETISMO CULTURAL E IMAGENS DE MULHER NA LITERATURA ARABE-BRASILEIRA DE ASSIS FÉRES E JAMIL ALMANSUR HADDAD**

Miriam Namur

Na longa história de entrelaçamento entre Oriente e o Ocidente, o imigrante árabe, ao sair de seu país de origem em busca de um novo destino, migrando de um mundo para outro, leva consigo uma bagagem cultural armazenada de suas origens. Ao passar à condição de imigrante e viver uma nova realidade em uma nova cultura, muda padrões de comportamento, muda seu ser e seu agir, operando transformações no seu modo de vida.

No caso do imigrante árabe sirio-libanês, o traslado é de um hemisfério a outro: o Oriente se hospeda no Ocidente. Esses opostos geográficos certamente acompanham as diferenças culturais desses dois mundos que se encontram. Ao imigrante, essa nova cultura que o hospeda, e com a qual ele estabelece inter-relações, certamente produzirá mudanças profundas em sua maneira de ver o mundo. Por sua vez, esse novo lugar que o acolhe sofrerá influências advindas do universo cultural de seu hóspede. Haverá um interagir e uma troca cultural inevitável entre esses dois mundos.

O nosso propósito é apontar esse encontro de culturas e também as suas manifestações na literatura enfocando a questão do feminino. O ponto central do nosso trabalho é observar a imagem de mulher construída na literatura árabe-brasileira e produzida pelo imigrante e seus

descendentes no Brasil observando o que se criou como representação do feminino a partir desse encontro.

O desafio é identificar as imagens de mulher trabalhadas através da literatura por poetas e escritores imigrantes e descendentes, fazendo assim o confronto das diferentes representações do feminino que esse encontro de culturas produziu. Assim, o nosso objeto de estudo e preocupação é a forma como a mulher é vista, pensada, lembrada, criada ou omitida na literatura de escritores desses dois mundos que se aproximam.

A questão do feminino que cada um traz dentro de si é produto de vivências individuais e experiências coletivas do meio onde vive. A literatura é um veículo de expressão cultural que reflete esse meio, esse ser, esse pensar e agir historicamente construído. A literatura, portanto, pode conduzir nossas reflexões sobre as transformações culturais ocorridas nesse encontro de Oriente e Ocidente em solo brasileiro, no qual a mulher é apresentada como foco indicador desse diálogo.

Imagina-se que o imigrante trouxe de seu lugar de origem uma imagem e uma construção do feminino, pois, pela tradição oriental, Sherazade, a heroína de “Mil e uma noites”, poder-nos-ia dar um panorama do mito da mulher árabe astuta, inteligente, nobre, culta, eventualmente bela e, sobretudo, uma fabulosa contadora de histórias. Outra imagem seria a beduína, habitante do deserto, mulher intrépida, que enfrenta as circunstâncias mais adversas. A dançarina, dispensadora de encantos e mistério, é outro mito dos sonhos e das “Mil e uma noites” árabes.

Que mulher é essa que o imigrante transporta de uma cultura a outra? Que mulher ele traz das suas origens e como vê a mulher brasileira? A “cabrocha”, a “Chica da Silva”, a bela mulata dos trópicos ou outras imigrantes - alemãs, italianas, polonesas - com as quais aqui se depara fazendo parte do elenco feminino e engrossando o *caldo* cultural brasileiro. Como o imigrante vai lidar com essa experiência e com esse novo? Como vai ficar a sua visão de mulher a partir desse encontro e como se expressa em sua produção literária?

O objetivo central da nossa pesquisa é identificar, na produção literária expressa por poetas e escritores da colônia árabe estabelecida em território brasileiro, uma imagem e um tratamento dado à mulher e, através deste estudo, perceber um eixo de mudança cultural e sincretismo.

Ao pensarmos costumes, memórias e visão de mundo que operam na vida dos emigrados, mais uma vez, entra a questão da mulher que perseguimos como um elemento fundamental na transmissão da cultura. Num encontro de imigração, os valores culturais são ameaçados de dissolução em novo ambiente. A literatura é uma referência cultural que expressa a tensão entre permanência e transformações de elementos culturais e, desse modo, da imagem de mulher.

Outro objetivo em questão é perceber em que medida e de que maneira a literatura pode ser um indicador do modo de pensar e de agir de um determinado momento sociocultural e como isso possibilita uma análise ou uma observação histórica dessa realidade. Mencionamos também a literatura árabe tradicional apontando alguns aspectos da

poesia sufi que tanto influenciou as construções poéticas do Ocidente e que também constitui verdadeiras jóias da poética árabe.

Para enfrentarmos as questões a que nos propusemos responder, adotamos como metodologia de trabalho os seguintes procedimentos: selecionamos dois poetas de ascendência direta e, através de seus escritos, procuramos identificar um modo de pensar a mulher.

Os poetas Assis Féres e Jamil Almansur Haddad foram destacados de um rol de aproximadamente setenta autores de origem árabe elencados no Acervo Euclides da Cunha e Biblioteca Antonio Faris Michaelis que funcionam junto ao Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Foram dois também os motivos da escolha: primeiramente, porque significam expoentes intelectuais da colônia árabe com uma rica produção literária; segundo, porque fizeram parte do convívio da pesquisadora, o que entendemos ser um ponto positivo em relação à melhor compreensão das idéias e do modo de pensar desses autores.

Procuramos contextualizar a colônia árabe de raízes paulistas, aproximadamente no período entre 1935 a 1980, que corresponde respectivamente ao período de estréia e encerramento das publicações de Féres e Haddad. Também é aí que se desenvolveram as principais idéias e influências dos nossos autores, assim como as influências incisivas do Movimento Modernista Brasileiro na poesia árabe moderna, apontadas por escritores e estudiosos como Caio Porfírio Carneiro, Andréa Estevão, Slimane Zéghidour, Michel Sleiman, Helmi Nasr, entre outros.

## **1.1 O sincretismo cultural: o contexto do encontro de culturas árabe-brasileira**

Edward Said, em seu estudo sobre o orientalismo, mostra que o Oriente tal como o concebemos é uma invenção do Ocidente e que essas imagens que se destacam foram sendo construídas e reconstruídas ao longo dos tempos. O Oriente visto por outros autores como Chateaubriand, Lamartine, Flaubert, Nerval, guardando as diferenças do estilo, se caracteriza basicamente pela excentricidade, pelo exotismo, pelo atraso, pela feminina penetrabilidade e, sobretudo, como “um lugar que precisa da atenção, da reconstrução e até mesmo da redenção ocidental”. Os antigos estereótipos do Oriente bárbaro, violento e fanático ainda estão presentes nas concepções ocidentais. E a mídia globalizada força a informação dentro de moldes padronizados onde o Oriente aparece cada vez mais estereotipado. Os árabes são geralmente mostrados nos filmes, na televisão, na imprensa escrita em grande número, como massas

enraivecidas, gestos irracionais e excêntricos e, por trás dessas imagens a ameaça da Jihad.<sup>1</sup> (SOARES, 2003).

É longa a história do entrelaçamento entre Oriente e Ocidente. O sincretismo é o enredo dialético que cada um impregnou-se do outro desde os primeiros contatos: as invasões romanas, as viagens marítimas, as grandes navegações, o caminho das especiarias, as cruzadas, a presença árabe na Península Ibérica. É essa presença árabe na Península Ibérica, a partir do século IX, que se destaca para nós, pois aponta o início do mesclar mais intenso entre oriente árabe com povos do continente europeu, como portugueses e espanhóis, etnias formadoras do Brasil e da América Latina, respectivamente. Os primeiros traços da cultura árabe chegaram até nós por via dessas misturas produzidas ainda no meio europeu. Foram muitas as pistas e as comprovações do legado árabe encontrado a partir desses contatos intensivos iniciados na Europa.

Na raiz do lirismo provençal do ocidente, encontramos firmes defensores das origens árabes (RIBERA apud LE BON, 1974, p. xiii). As teses mais novas referentes a esses influxos da poesia árabe retomam com argumentos novos suas influências na gênese da poesia provençal, que faz dela uma derivação das tradições romanescas, das lendas cristãs, da literatura escolar medieval e da antiga tradição oriental (bizantina, persa e árabe). (HADAD apud LE BON, 1974, p. xvii)

A poesia árabe está longe de ser a repetição estereotipada da poesia erótica, porque é fundamentalmente espírito e amor platônico e, sobretudo, amor místico que se integra na tradição mais venerável do

---

<sup>1</sup> Guerra santa.

misticismo muçulmano. O Sufismo acaba por ser raiz determinante do próprio misticismo ocidental e sopro espiritual na poesia provençal.

Em relação à mística árabe, temos o sufismo e os poetas sufis que influenciaram decisivamente o pensamento místico europeu. Na poesia mística espanhola cite-se San Juan de La Cruz, cuja mística encontra antecedentes em poetas árabes de Andaluzia. No sufismo hispânico-árabe, incluem-se muitos nomes como Algazel, Albenhazam, Abanarabi, que inspiraram grandes místicos e poetas do ocidente.

O sufismo é um caminho de busca da unidade e do encontro com Deus através do êxtase e do vinho. A embriaguez tinha um caráter sagrado, era o primeiro grau do aniquilamento aspirado da personalidade. A contemplação de Deus, a efetivação da unidade com ele, a finalidade de toda experiência, obtém-se pelo êxtase que aos sufis dá a impressão de “sukr”, ou embriaguês, de acordo com a tradução literal. Temos nessa modalidade de poesia Sufi grandes jóias da poesia árabe :

(...) A taça circulou, realizei meu desejo  
 bebemos um vinho lícito e nossas almas se espraíram  
 Enchi minha taça; nela está minha alegria  
 Eu bebo, ó tu que és capaz de compreender  
 Estou na intimidade de meu bem amado (...)  
 (HADDAD, apud LE BON, 1974, p. xxiii)

Às vezes, nesses poemas, o amor sagrado pode se confundir com o amor profano. Muitas vezes a imagem da mulher também é utilizada de uma forma mística referindo-se ao amor transcendental ou a união com Deus.

No século XVIII, a tradução para o francês de “Mil e uma noites” por Galland [19\_\_] adaptou-a ao gosto francês, assim como Fitzgerald ao traduzir o “Rubaiyat”, de Omar Khayyam, processou uma ocidentalização

da obra (LE BON, 1974, p. liv). As histórias de Sherazade que influenciaram inegavelmente a literatura juvenil do ocidente estão na base de Andersen, de Perrault, de Grimm e, em certa medida, de nosso Monteiro Lobato.

“Mil e uma noites” e o Oriente é evasão, é outra coisa da vida o outro lado, o reverso da medalha, aquilo que nós não somos, o lugar em que nós não estamos, palácio, para os que moram em choupanas, banquetes para os que passam fome, sonho de nivelção democrática para os que não suportam os sultões absolutos da vida e aí as mulheres submissas do harém roncam grosso para o todo poderoso vizir e criam a *epopéia islamita da infidelidade feminina*. (HADDAD apud LE BON, 1974, p. liv, grifo do autor).

A epopéia decorre deste trabalho quando falarmos da imagem de mulher produzida na literatura árabe e suas influências no imaginário desse povo.

Abre-se um parêntese para dizer que na literatura apresentada pelos poetas árabes de Andaluzia se sobrepõe uma outra imagem de mulher e, nessa poesia, ela carrega os atributos mais elevados da cortesia.

Ao trabalharmos com a literatura árabe-brasileira produzida no Brasil, cuja origem já está contaminada da literatura sincrética, mesclada e processada na região ibérica, interessa-nos apontar algumas influências orientais presentes no ocidente desde os tempos Ibéricos e mostrar, nesse contato, as misturas e influências mais intensas que os mouros deixaram na arte, na literatura, na filosofia, na mística e, sobretudo, na poesia.

Há de se apontar também que a poesia provençal elevava a mulher a píncaros de respeito e lirismo e esse culto tinha na prática raízes duplas: o Cristianismo, o culto de Maria e a poesia árabe (LE BON, 1974, p. xiii). A própria noção de cavalheirismo e abnegação encontraria raízes profundas

entre os árabes antes de se espalhar como sentimento e ideologia pelo mundo europeu medieval.

A expansão colonial europeia no oriente levantino é outro aspecto que teve início no final do século XIX, cujo significado vem reforçar esse longo contato entre os dois mundos. No fim do século XIX e início do século XX, o fluxo imigratório de orientais do Levante e de outras regiões do oriente para o continente europeu, para as Américas e outras regiões do planeta, é um fenômeno que enfatiza a longa história de trocas e misturas. Na atualidade, a emigração em massa dos povos de países pobres para os países desenvolvidos em busca de melhores condições de recursos e de vida persiste e reforça o fenômeno do entrelaçamento globalizante.

## **2.2 Sincretismo Cultural na Literatura árabe-brasileira**

O fenômeno do sincretismo transportado para análise e observação nos poetas que trazemos, Féres e Haddad, a poesia tradicional árabe, a influência sincrética dos poemas de andaluzia e da poesia provençal - onde há as primeiras inovações da imagem da mulher no ocidente e onde aparece também duas maneiras de se cantar o amor, o “amor dos prazeres sensuais “ e “ o amor casto”, ambas vertentes procedentes de Andaluzia - recentemente recebem as influências da poesia modernista brasileira iniciada na década de 1920 e que, de acordo com Slimane

Zéghidour, vem influenciar também toda a poesia árabe moderna produzida no Brasil.

Percebemos que há uma dialética e um sincretismo que fazem irreduzíveis as alteridades. Elas giram como caleidoscópio de infinitas combinações que estão dentro e fora dos sujeitos. Uma dialética sincrética é como um caleidoscópio que combina novas alianças com mais duas palavras: dialogismo e polifonia. (CANEVACCI, 1996)

Dois motivos principais acionam o dialogismo e a polifonia nos poetas da imigração, Assis Féres<sup>2</sup> e Jamil Almansur Haddad<sup>3</sup>, ao fazerem o “retorno” a suas origens étnico-culturais em conexão com a cultura brasileira. Pode haver outros, mas esses são fundamentais: primeiro, a não concordância em dissolver-se na cultura do “outro”; segundo, por conta de uma busca de identidade onde estão envolvidos, o orgulho étnico

---

<sup>2</sup> Assis Féres nasceu em 11 de agosto de 1912, em Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais. Seus pais, George Abdalah Féres Haddid e Faustina Elias Curie Féres Haddid, eram imigrantes originários da cidade libanesa de Trípoli. Por volta de 1878, George Féres encontrava-se no sul de Minas (Guaxupé) e, ainda, em 1908, aproximadamente, transferiu-se para o Triângulo Mineiro. (Laiazul, novembro-dezembro de 1958).

Seu primeiro mestre de língua inglesa foi Tolonio Selvera, nascido em Londres, filho do ex-diretor do Ginásio Mineiro de Uberlândia. Foi seu professor de alemão o Sr. Guinter Bruno. Seus mestres no Liceu de Uberlândia foram os Drs. Mário Magalhães Porto, Vieira Gonçalves, Queiroz Lima. Suas primeiras professoras em Uberlândia foram Odete de Oliveira Marquez e a poetisa goiana Lodegaria de Jesus.

O pai, “o mais querido de seus mascates”, foi assassinado em 17 de junho de 1927. O Poeta passou a estudar em São Paulo, abandonou os estudos sem ter concluído o Curso de Admissão e retornou a Uberlândia.

Em 1929 colaborou no jornal *A Tribuna*, do jornalista e poeta Agenor Pais. Fundou seu primeiro jornal, *O Triunfo*, no ano de 1931, em Uberlândia. Principais obras: Miguel Pedreiro na Frente; Os Deuses Morrem Ausentes; Sonhos Mutilados; Do outro lado do sonho e O Mascate.

<sup>3</sup> Nasceu em São Paulo, capital, filho de imigrantes libaneses, a 13 de outubro de 1914. Morreu em São Paulo no ano de 1988. Fez curso primário e o secundário no Colégio Sírio-Brasileiro, Escola Americana de Mackenzie College. Formado em 1938, pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, tendo defendido a tese “O romantismo brasileiro e as sociedades secretas do seu tempo”. Estreou como poeta em 1935, publicando “Alkamar, a minha amante”. Seu livro de versos, “Orações negras”, editado em 1939, obteve, em 1937, o prêmio de poesia da Academia Brasileira das Letras. Em 1946, foi laureado pela Associação Paulista de Medicina (Prêmio José de Almeida Camargo). Foi presidente da Casa Castro Alves, delegado de São Paulo ao Segundo Congresso Brasileiro de Escritores. Traduziu o “Livro da Jângal”, de Kipling, os sonetos de Petrarca, as “Odes” de Anacreonte, as “Líricas” de Safo, o “Decameron de Boccaccio”, os “Rubaiyat” de Omar Khayyam, entre outros. Em 1950, fez uma viagem à Europa. Escreveu vários ensaios críticos, organizou antologias, realizou conferências, fez teatro, foi colaborador do “Estado de São Paulo”, “Folha da Manhã”, “Revista do Arquivo Municipal”, das principais revistas e suplementos literários brasileiros. Presidente de Cultura Geral da Associação Paulista de Medicina, membro da Associação Brasileira de Escritores. Poeta crítico, ensaísta, historiador, teatrólogo, antologista, tradutor, “Jamil Almansur Haddad é um poeta do verbo” (Sérgio Milliet). “Sobre Jamil Almansur Haddad, a crítica brasileira vem se referindo continuamente e com alto apreço” (Mário Neme) Pelo vigor de suas emoções, Jamil Almansur Haddad é um tempero poético dos mais fortes. “A sua poesia nos ritmos livres e desiguais tem estremecimento próprio, como o sangue” (Pedreira dos Santos).

e o fenômeno Nahda, que influenciou principalmente os literatos e a literatura “Mahjar”<sup>4</sup> e que prevê um renascimento do mundo cultural árabe .

Os poetas percorrem caminhos em busca de origem, identidade e diálogo em relação às culturas vivenciadas. Atravessam continentes fazendo florescer o desejo de ver restaurada a cultura ancestral. Mas há também no movimento sincrético “o ato simbólico do quilombo” (CANEVACCI, 1996, p.17), com implicações políticas e sociais, que funciona como uma fuga do imigrante com dificuldade de adaptação por variadas rejeições bilateral ou, tomado de melancolia, foge para um passado inacessível, ou ainda viaja pelas salas escondidas da memória, tentando reconstruir através de versos o poema da terra de origem, lá onde deixou fincada e imóvel a sua raiz primeira. As outras são *rizomas*<sup>5</sup> a que vai tentando adaptar-se.

Em meio a essa busca, a mulher surge como uma construção, uma imagem que os conduz feito miragem no deserto ao mundo familiar, ao universo de dentro, à casa, que os faz voltar ao lar, à pátria, à mãe ressignificada. Memória de um mundo longínquo que necessita ser recuperado do passado em ruínas e que é também presente e identidade. Essa dupla morada - que os faz habitar em duas culturas, em dois mundos, em duas casas - impulsiona a criação de uma escritura literária que reflete igualmente esses dois universos, de onde provêm as vivências e o material histórico de suas experiências. O conteúdo ideológico que permeia suas obras e seus poemas estabelece um diálogo entre as duas

---

<sup>4</sup> Termo que designa Imigrante ou Imigração.

<sup>5</sup> Raízes enxertadas a partir do contato com diferentes culturas.

culturas. Como aponta Canevacci (1996, p. 43) é uma polifonia discursiva que deixa ouvir a voz de outras tantas identidades que se alinham como diversidade de “eus” trazidos de outras influências representadas pelo contato com o “outro” de diferentes origens num país tão rico de diversidade como o nosso.

Os poetas Haddad e Féres, que expressam a herança segura e indiscutível da literatura da imigração (Mahjar), trazem em seus poemas revelações do movimento sincrético em processo desencadeado pelo encontro da cultura árabe com a cultura brasileira em território nacional. A literatura de Jamil e Assis é indicador contundente do processo sincrético em andamento. A mistura é evidente nas temáticas, na paisagem, nas palavras, nos sentimentos, no pensar, no escrever que ora os revela como brasileiros ou latino-americanos, ora como autênticos “beduínos”. Esses diálogos, essa polifonia *glocal*<sup>6</sup> é própria de um pensar imerso no sincretismo cultural de onde advém toda a bagagem criativa retratada em seus poemas, na imagem de mulher que trazem assim como em toda obra literária por eles produzida a partir do encontro árabe-brasileiro.

No livro de poemas *Orações Roxas, Novas Orações Negras e Orações Vermelhas* (1944), identificamos uma poesia de cunho social e antropológica que aborda a problemática socioeconômica brasileira apontando com dedo crítico a miserabilidade do povo brasileiro,

As Casa

(...)

Outras casas são cheias da dor das ausências

---

<sup>6</sup> É um termo usado pelo antropólogo Máximo Canevacci (1996) para designar quando uma cultura é global e também local (universal e local).

são cheias da tristeza das reminiscências...  
 Um dia, com certeza, daí transmigrará,  
 bela no esquife branco uma criança clara.  
 Quanta angústia, Deus meu! Sempre um berço vazio  
 é uma casa a presença de um túmulo frio...  
 Ó mães desventuradas, a hora em que anoitece,  
 tendo no peito as mãos, murmurareis a prece,  
 e sobre o berço em luto - embora isto nos doa -  
 acendereis a vela e poreis a coroa! ...  
 (Novas Orações Negras p.141)

Retrata também o estado de abandono da mulher, assim como a guerra que travou como médico contra a peste branca (tuberculose) numa determinada época e contexto da sociedade brasileira. Transparece a melancolia pela terra ancestral que tem poderes miraculares e reflete uma conexão sincrética entre as lembranças do passado (terra do Líbano - imagens maternas) e a sua atividade no presente.

#### Canção Materna

(...)

As rosas perfumarão o teu leito sob a forma de rimas,  
 Os asfódelos, na mentempsicose nova, terão a harmonia

(...)

mas não há madrigais, nem sonetos, nem odes,  
 a dor, há tanto comprimida, despedaça, inexoravelmente  
 a estrutura do verso.

(...)

(Lua do remorso. p. 24)

...

#### Ao Líbano Amada Enferma

(...) O Líbano terá ternuras para a tua desdita como se corações  
 maternos palpitassem e sofressem no âmago da terra (...)

... As sombras ternas do Líbano descirão sobre ti como um  
 unguento sobre feridas...

As sombras ternas do Líbano cicatrizarão as cavernas que a  
doença ilacrimável abriu no teu peito dolente.

Amada enferma ! Amada enferma!

(...)

(Orações Roxas, p. 90)

...

Laura, Cordélia, Flora, Evangelina ...

No terraço do sanatório estão quatro meninas,

Laura, Cordélia, Flora, Evangelina...

Uma delas é esquelética e pálida

como as santas dolorosas que, nos eremitérios, vão definhando

[penosamente, tão rudes são as mortificações e os cilícios,

Há na outra o silêncio pesado das furnas e dos cemitérios,

outra delas é esbelta e hirta como os círios lívidos...

(...)

Senhor,

Eu tenho vontade de mentir a estas meninas

Não deixarás nunca de consola-las no transe triste:

Dirás à ave presa: Não há mais bosques lá fora...

Dirás à ave nostálgica de céu: Além o céu não mais existe..

( Orações Roxas, p.97)

...

Nesses trechos, evidenciam-se basicamente três coisas: a reverência à mãe, e com ela a terra de seus ancestrais, o sagrado Líbano e também a sua atividade de médico no Sanatório de Abernédia.

Ainda nessa obra, Jamil destaca as questões raciais existentes no país que discriminam o “negro”, colocando-o sempre abaixo de tudo

aquilo que possa ser entendido como “branco” na concepção eurocêntrica de cor, cuja situação sempre é de vantagem.

(...)

“À hora em que o pequenino chora de fome,

Eu dou-lhe o seio...mas como nutri-lo

Se o seio que lhe dou é o seio já sugado

Pelo filho glutão da milionária?”

(...)

(Novas orações Negras,p.127)

Uma associação possível no panorama do encontro de culturas é a ênfase na discriminação da cor negra, isto é, um irmanamento do árabe com o negro que, refletida na poesia, é a vivência de um preconceito por que passam esses dois povos, cada um a sua maneira no contexto da sociedade brasileira.

Em *orações vermelhas*, apresentada como um conjunto de poemas eróticos, o poeta dá a luz à figura encantada da bailarina com a qual se identifica e se irmana no ritmo e na dança. Essa figura, indicada pelos versos, é uma bailarina árabe porque há uma construção de imagens sutis onde as metáforas fazem um jogo de ocultamento e revelação de inúmeras formas de ser do feminino arabeizado, mulher como voz, vulto e véu

A dançarina é irmã do poeta.

Os dois iguais no milagre do ritmo

na maravilha da inspiração

na gênese genial do pensamento

E em louvor a teu divino movimento,

mavioso e lírico,

ouça-se o panegírico.  
 Em glória a poesia de tua dança  
 ouça-se a dança de minha poesia!  
 (...)

Baila beduína, baila! Aos meus olhos fulguras  
 Em luas, faróis e iluminuras!  
 Passa entre as folhas em suspiro de quem se apaixonava!  
 Dançam flutuando a vida os teus cachos desnastros...  
 Que dança e que esplendor! Teu corpo que flexiona  
 todo clareado miracular,  
 me dá a sensação de incrível dança dos astros!  
 E arde flamescente e imortal, como vésper à tarde,  
 A lua profunda verde mar, de teu olhar.  
 (...)  
 (Orações Vermelhas, p. 160)

Tomando como referência a primeira estrofe do poema *A bailarina*, a dança como prática corporal articula uma perspectiva do corpo que deixa de ser meramente biológico para transformar-se em *lócus* de processos educativos, nos quais o treinamento se dá principalmente através da imitação ou mimese, além de lançar luzes sobre a linguagem do corpo enquanto gestual, enquanto movimento, enquanto ritmo e indicador cultural

A dança dos sete véus  
 (...)  
 Imaginai o que seria de uma dança das flores;  
 o que seria uma pavana dos perfumes;  
 o que seria de um minueto das neblinas,  
 uma farândula volátil das espumas;  
 um corrupio luminoso das estrelas!  
 E adivinhareis então a minha dança.  
 Nela todas as luzes e levezas dançarão.  
 Na minha carne de romance a minha dança é de poesia.  
 (...)  
 (Orações Vermelhas, p.167)

Na dança dos sete véus é o poeta que dança, pois toma o lugar da bailarina. Identifica-se com essa dança, transforma-a em dança transcendental, em seu ritual místico semelhante a um dervixe que, em êxtase e ascensão, despe-se de seus corpos (véus), que no caso são sete assim como sete são os chacras ou centros de energia mística que podem estar representados pelos véus. A dança deixa de ser sensual e toma características de êxtase espiritual. Já comentamos esse duplo sentido que um poema pode conter na mística sufi, e que é muito tênue a passagem do amor profano ao amor sagrado em algumas das representações da poesia sufi.

Em *Aviso aos navegantes* ou *A bela adormecida no bosque* (1980), a obra mais madura do poeta, vista como um épico, traz o médico Ernesto “Che” Guevara e sua luta revolucionária pela América Latina como tema central do poema. Evidenciamos através dessa temática o caráter global da literatura de Jamil, pois fala pelo Brasil, pela América latina, pelo mundo árabe e pelo universal da luta revolucionária socialista que foi ativa no seu tempo em quase todos os quadrantes deste planeta.

Também na mesma obra, Haddad saúda as mulheres com a Surata da Certeza. A luta e o sacrifício marcam essas mulheres.

Dominique em que os sutiãs são a prova de balas;  
 Eliane de hálito ressoante de cargas de morteiros,  
 Huguete artilheira e Izabelle vestida de “seda de pára-quadras”  
 E Gabrielle a mais resistente por isso acabou sendo Doc Lamp  
 (centro de resistência vietnamita).  
 Cíntia será por nós estuprada  
 (Há outras senhoras, mas estas são chamadas em códigos)  
 (Aviso aos navegantes, p. 289).

O poema *O Mascate*, de Assis Feres, é o exemplo vivo e pulsante de um poema sincrético. O mascate, personagem central, é uma figura emblemática do imigrante árabe, construído em solo estrangeiro como produto da diáspora e do exílio.

O Mascate  
 E este quadro, agora, ilógico,  
 Ao esplendor da madrugada,  
 Volta a esta cena depois  
 De vinho inflamar as cabeças  
 Daquele haxix (ópio) ou araque( aguardente)  
 Extraídos das parreiras  
 Daqueles cachos de êinab(Uva)

Condensados em alquibir (cisterna)  
 E o raques(bailados) também menciono,  
 Toda essa gama folclórica  
 De ´´alhoma` ou ´´maxel-zah-rura -(Canções árabes)  
 Sobre aspéctos suraias (que é também a toponomia dos mais belos  
 nomes).  
 (I canto p. 68)

A atividade de mascateação que deu origem à denominação de mascate ou homem da caixa - como eram conhecidos os primeiros imigrantes que exerciam essa atividade, sendo a maioria negociantes árabes - originou a denominação e a generalização do termo associada ao termo “turco”<sup>7</sup>. O épico de Assis Feres publicado em cantos esparsos na revista “Laiazul”, dirigida pelo autor, foi sendo divulgado paulatinamente até a publicação em livro do Primeiro Canto em 1970<sup>8</sup>. A saga do mascate, de que trata o poema todo, compreende na íntegra 13 cantos, a maior parte deles ainda inéditos, de modo que os comentários da obra que aqui fazemos estão relacionados a esse primeiro livro de “O mascate”. O

<sup>7</sup> Os sírio-libaneses que chegaram ao Brasil vinham com passaporte turco por conta da dominação otomana na região da Síria e do Líbano, por isso foram identificados como turcos. Termo usado erroneamente nos países de imigração.

<sup>8</sup> Em aramaico, mãe das línguas semíticas, a palavra Chi’ir, canto, designa também poesia, portanto, há forte associação entre os dois e a poesia com rima e métrica poderia ser cantada.

enredo traz a saga do imigrante Jorge Rouco (nome abasileirado do personagem central), mascate e pai do poeta, que perambulou em viagens de aventuras e de negócios em terras brasileiras até morrer assassinado numa de suas viagens desbravadoras pelo sertão do Brasil. No decorrer do trabalho evidenciamos no poema marcas da imigração, os traços sincréticos que a obra carrega, a beleza poética, o que há de verdade, o lirismo, os ensinamentos, o descobrimento da terra nova e o vínculo com ela.

O autor nos lega essa aventura através de extensa obra literária construída numa vida dedicada exclusivamente para esse fim. Anunciar a cultura árabe, revelar e elevar o encontro árabe-brasileiro (fazer com que esse encontro trouxesse um enobrecimento a ambas as partes), integrar a América Latina e divulgar a poesia foram temas recorrentes de uma vida inteira.

[...]  
 Vi aquela dama subindo  
 Com seus pequeninos atrás;  
 Perscrutei seu rosto lindo  
 E compreendi-lhe o ser assaz;  
 Nadua, venusta, bunaia,<sup>9</sup>  
 Um desses botões no tempo,  
 Era a flor da despedida,  
 - Uma estampa das Sumaias<sup>10</sup>  
 (O Mascate, I Canto, p. 22)

---

<sup>9</sup> Bunaia: Introduzido para designar uma circunscrição de beleza, por entre a adolescência e juventude, da mitologia de "O mascate"; e a deusa da poesia – Por ele denominada: Glorianisse – e que o acompanhava nas selvas.

...

Mensagem do destino  
 Onde estará a pobre alma  
 Que vaga num idêntico tormento,  
 Sem que meu corpo pertencesse a ela  
 E que ainda a contemplo com a paixão de outrora?

Quero cantá-la isento sem palavras,  
 Quero chorá-la até morrer de pranto!  
 Onde estará a celestial amada  
 Do meu primeiro coração na terra,  
 A quem pertence o meu ser de sempre?  
 (O Mascate, I Canto, p. 113)

...

Onde está a excelsa Ramza,  
 E onde está sua meiga Zane?  
 Lamia'ah e a grande Moufide,  
 E Óbaida e Futin no tempo?  
 (...)  
 (II canto, vs1264-1292)

Nesses trechos de *O mascate*, fica muito clara a reverência à figura feminina retratada primeiramente na sublimidade da "Mãe com seus pequeninos". Nos versos de *Mensagem*, transparece a celestial amada anunciando um amor impossível à maneira do amor romântico medieval. Os últimos versos que pertencem ao II Canto de "O Mascate" evocam mulheres do passado, reforçando o movimento de avanço e recuo que atesta a ligação permanente com o passado das origens e o presente envolvendo esses dois momentos sincréticos do encontro de culturas sob a óptica do feminino resignificado

Haddad e Féres são poetas maiores na representação da cultura árabe-brasileira. Sua poesia é uma das faces brilhantes da literatura no encontro de culturas aqui citados como autores de inúmeros trabalhos que versam sobre o assunto. A cultura árabe em território brasileiro e cultura brasileira podem ser consideradas uma bifurcação, um desvio. O sincretismo cultural que se anuncia é uma dialética sem síntese entre esses dois mundos, isto é, uma construção entre duas culturas que dialogam e movem-se em meio a alteridades e polifonias (SAHR, 1998, p. 213).

<sup>10</sup> Sumaia: Configuração do empenho, no caminho do sonho, pró-intensificação das chamadas da beleza; seu derivado *Sama* – céu, e *iat* – além, região do éter – o espaço celestial.

O conceito “pureza” e seu oposto à mistura ou sincretismo são sempre construções essencialmente sociais e tendem a aparecer freqüentemente em situações de disputa de poder e hegemonia (...) ‘Pureza’, ‘mistura’ e ‘sincretismo’ são, portanto, conceitos por definição etnocêntricos”. (SANCHIS, 1995, p. 123).

Na modernidade, além de ambientes étnicos e nacionais, pode recuperar-se boa parte da reinterpretação da problemática culturalista. É a reinterpretação que vai permitir uma convivência não explosiva de universos muitas vezes contraditórios.

A reinterpretação da problemática cultural também abrirá ao universo dos “dominados” veredas de um jogo de esconde-esconde, muitas vezes condição de sobrevivência, outras de prosperidade, e, ao mesmo tempo, de equilíbrio emocional. É um processo intelectual e emocional inconsciente fundamentalmente, mas em parte também consciente e até reflexivo ao inscrever-se na história institucional.

Esse é o caso dos nossos poetas, Féres e Haddad, aqui apontados como “mediadores da cultura” árabe-brasileira. As suas obras, as suas reflexões, os caminhos ideologicamente perseguidos, todos os indícios nos levam a pensar esse escrever e refletir sobre suas origens culturais em meio ao caos de uma modernidade que tudo dissolve e tudo apaga. Até as ruínas são eliminadas, se a memória for débil. A tragédia de sobreviver ao constante assédio do novo e da multiplicidade de arranjos gerados pelos dois extremos que se aproximam na modernidade e na polivalência dos contatos culturais múltiplos e freqüentes gera um repensar e reavaliar histórico-cultural num processo de avanço e recuo tão próprio da literatura da imigração. Avança desbravando o território novo e as experiências

novas que o presente lhe oferece. Por outro lado, recua ao posicionarem-se para traz como um caracol carrega a sua casa de origem incorporada às costas.

As migrações, as transformações, o sempre novo que oculta o velho, quando não o destrói por completo, são imperativos da modernidade que engloba tudo. Há de querer recordar e fazer o resgate porque, para muitos, o mais freqüente como estratégia de sobrevivência diante da dor da ausência é fazer o luto das origens e começar uma nova gênese “meio sem passado”, “meio desprovido de memória”, mergulhar no devir. Essa é uma opção para alguns, mas não é o caso dos intelectuais Jamil Almansur Haddad e Assis Féres. Nesse contexto a mulher surge para ambos como um veículo de retorno a seus ancestrais. Ela, na maioria dos poemas onde é idealizada, representa o contraponto principal nesse movimento de recuo às raízes e está associada de forma irredutível à mãe, às irmãs, as primeiras impressões da infância, ao primeiro amor. E isso, se passa de forma muito marcante em meio à colônia árabe e com uma influência profunda dessa.

Então, parece-nos natural que essa mulher arabizada seja referência inesquecível em seus devaneios e na procura do caminho de retorno ao lar e à origem. Numa das novelas do escritor sírio Rahib a mulher do personagem chega a personificar a imagem da Pátria, uma vez que confere intencionalmente a ambas as mesmas características, fazendo uma estreita conexão.

A figura materna, que tem um valor sublinhado na cultura árabe, também aparece de forma enfática nos versos de Jamil e Assis, seja de

forma explícita ou subliminar, assim a imagem da mãe e a imagem da amada são duas constantes na obra dos poetas. Apesar de seus estilos e os caminhos ideologicamente percorridos terem sido tão diferentes, afinam pelo mesmo diapasão quando se trata da mulher como símbolo de origem e a sublimação da imagem materna. Sultanas, dançarinas, beduínas e um infindável rosário de nomes árabes denominam mulheres e poemas e seus significados podem funcionar como verbetes de um dicionário. O poema do sangue de Haddad é um exemplo tácito dessa afirmação.

Ao considerarmos o entrelaçar árabe com a cultura ocidental como o movimento “para-adiante” , partindo do outro de seu processo histórico (a origem). A reflexão sobre a dinâmica própria consistiria no mover-se “para-trás”, como um modo fenomenológico de existir e de persistir na história. Perceber o fenômeno do entrelaçamento e a partir dele considerar a situação humana do ser e da identidade árabe, é buscar conseqüências que se obteve do outro para então prosseguir assumindo essa história e a mescla como parte integrada da sua própria existência.

Assumindo esse raciocínio no reino da narração e da poesia, “recuar e pausar”, para em seguida prosseguir entrelaçando e gerando método e sentido para a nova gênese, consiste igualmente nos motores ou na dinâmica única do sistema ancestral e moderno no conto árabe e também na poesia árabe moderna.

Não há “Mil e uma noites” nem “O livro das delícias”, ou “Calila e Dimna” nem ecos dos contadores de histórias de Ben Jelloun, nem as “Parábolas” de Gibran ou “O mascate” de Assis e “Aviso aos

navegantes` de Jamil sem um recuo, um partir do meio de uma história já iniciada da que se retoma e que germina e brota em matéria de imaginários em expansão rumo a um novo enredo e uma nova descoberta. É no recuar que se forma e tece a abundância mimética da fértil Sherazade; de “Aviso aos navegantes”, de Jamil ou de “O mascate”, de Assis. Recolhe-se do antigo das salas secretas da memória, a matéria do novo, cerzindo muito mais do que tecendo, a teia da qual transitam agilmente personagens, contadores de histórias, formulações oníricas e fantásticas paisagens de infinitos contos e poemas.

Nos poemas de Assis e Jamil estão contidos o refletir árabe sobre a tradição antiga em plena elaboração e fusão com novas probabilidades de seqüência apresentados pela vivência no Brasil. Voltar-se para o antigo, retomar a tradição para depois partir rumo ao inusitado e aos irresistíveis focos da modernidade é a dinâmica apresentada na elaboração da literatura do Mahjar e seus descendentes. O mundo árabe assim como o ocidental não mais viverá voltado para si mesmo. Eles se entrelaçam inevitavelmente e isso está inscrito na fatalidade de sua história.

Reforçar o que é próprio através do que o outro nos comunica em referência especular é consolidar identidades, excluindo as solidões patogênicas, e coordenar a autenticidade que existe só porque o outro existe e podemos percebê-lo. Isso nos faz articular novas formas harmônicas ou possíveis alianças.

A partir desse encontro de culturas, apresentamos como questão central deste trabalho identificar nesse entrelaçamento o significado da imagem da mulher na literatura produzida no Brasil por imigrantes e

descendentes no período de 1935 a 1980. Teremos aí o período aproximado de estréia e encerramento respectivamente das publicações dos poetas Assis e Jamil sobre os quais focamos nosso estudo.

Há algo que pensamos ter atingido em nossos objetivos, trazer para maior visibilidade o trabalho desses dois autores árabes que merecem ser citados e que versam sobre a cultura árabe-brasileira. Assis Féres, um autor que passou despercebido no rol dos literatos, e Jamil Almansur Haddad. O desempenho que tiveram nesse “entre-lugar” foi o testemunho desse duplo pertencimento em suas vidas.

Isso aparece claramente nas suas escrituras juntamente com outros temas por eles desenvolvidos em prol da vida e da cultura, pois seus temas foram culturais, sim, mas foram, sobretudo, universais em relação à condição humana. Houve uma imagem de mulher que afagaram nos seus afetos e que os fizeram retornar compulsivamente à origem como a busca de uma Pasárgada imaginária. O olhar árabe brasileiro que os dois poetas lançam sobre a mulher na literatura e as sucessivas imagens construídas se mostram em muitos momentos bipolares, assim como desde o princípio se percebe no temperamento, visões de mundo, filosofia dos poetas, a diferença que os completam na diversidade quase dicotômica de estilo e temas de seus versos.

É particularmente nas imagens de mulher trazidas e que atestam uma complementaridade pela diferença, que ambos, filhos de imigrante libaneses, se arrojam cada um a sua maneira na reconstrução da origem. Os dois receberam as influências da colônia, mesmo Assis tendo vivido grande parte de sua infância e juventude em Minas Gerais, foram

decisivas as influências dos amigos dos intelectuais e da colônia paulistas na sua obra mais madura. A revista *Laiazul* é o testemunho desse período e teve, durante muito tempo, como título explicativo, na primeira página, "Revista de Ciências Y Letras de Oriente e Ocidente".

O recolhimento de Assis contraposto ao arrojamento de Jamil norteou as imagens de mulher trazidas no ritmo de seus versos. Foram muitas as imagens de mulher evocadas e, dessa maneira, fizeram um retorno ao mundo de "dentro" da casa, do lar, seja onde for que pensaram ser o seu lar.

Assis e Jamil trouxeram imagens muitas vezes opostas de mulher: a mulher intocavelmente espiritual de Assis contraposta às mulheres-paisagens e às mulheres-fotográficas de Jamil. Contudo, eles possibilitaram a visualização de algumas categorias de mulher como imagem e representação. Porém, na ênfase sublinhada da figura materna, herdada de uma tradição ancestral, e na Mulher como revelação da origem, aparentemente, eliminaram os seus contrastes e afinaram pelo mesmo diapasão trazendo a mulher árabe como objeto de identidade e desejo.

Assis apresenta-se como um humanista de idéias conservadoras em questões de valores e imagem de mulher. Todavia, mantém-se paradoxalmente revolucionário, visionário e romântico nos trabalhos por onde se embrenhou durante sua vida, por exemplo, a integração da América Latina, a revelação do encontro da cultura árabe-brasileira e a difusão da poesia (incansável tradutor de poetas castelhanos para o português e poetas brasileiros para o espanhol).

Jamil, apoiado na ideologia marxista, posicionou-se sempre como um rebelde controvérsido e revolucionário para o seu tempo e manifestou-se inúmeras vezes como romântico, apesar de nunca se admitir como tal. Assim, de acordo com suas posições ideológicas e visão de mundo, trouxe suas origens atreladas às Sumaias, às Sultanas, às Beduínas, às Odaliscas e às Bailarinas e os inúmeros nomes árabes de mulher evocados em poemas.

Ao terminarmos de citar os poemas, resta-nos as imagens poéticas que contaram histórias de mulheres, lugares, paisagens, coisas e idéias que vão além do que relatam em si a beleza das suas metáforas ou da particularidade de cada lugar, personagem, objeto ou paisagem de que falam. Nos enredos dos textos, os poemas carregam concomitante a história que está presente em cada palavra trabalhada pelos autores. As imagens de mulher, principalmente, emergem da narrativa poética, além de ser a maneira de Assis e Jamil representarem as suas respectivas idéias do mundo e dos fenômenos humanos.

Unindo o que está no plano das idéias ao que se refere ao mundo fora dos livros, os autores criam um universo poético rico de imagens emblemáticas e, entre essas imagens, as imagens de mulher, ou seja, nas palavras de Roland Barthes, “decodificar um poema é recodificá-lo novamente”. Portanto, fica em aberto um espaço para novas decifrações, novas interpretações de poemas e de poetas que falam de sonhos de histórias e de musas que trarão uma luz maior para o conhecimento, sobretudo no que tange a sensibilidade da condição humana, abrindo, senão um túnel, um pequeno orifício na espessa névoa que separa a

beleza sensível como imagem da beleza inteligível. Essa Beleza é a que merece ser sabida, pois é a que dura da experiência humana sobre o mundo. Deve ser salva e conhecida pelas gerações, porque a obra de arte pode expor o sentido originário das coisas.

O encontro árabe-brasileiro ou o encontro oriente-ocidente gerou uma valiosa mescla cultural traduzida numa rica produção literária que nos mostrou a expansão de fronteiras, não apenas do mundo físico e cultural, mas também entre razão, beleza e sentimento no diálogo entre o conhecimento e a ciência.

## Referencias Bibliográficas

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.

BARTHES. Roland. **O Grau zero da escritura** Tradução de Heloísa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1972.

BHABBHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

CANEVACCI, Massimo. **Sincretismos: exploração das hibridações culturais.** São Paulo: Estúdio Nobel, 1996.

FÉRES, Assis. **O mascate.** Santiago do Chile: Laiazul, 1970.

\_\_\_\_\_. **Miguel Pedreiro na Frente.** Santiago do Chile: Laiazul, 1952

\_\_\_\_\_. **Os deuses morrem ausentes.** Santiago do Chile: Laiazul, 1951.

\_\_\_\_\_. **Do outro lado do sonho.** Buenos Aires: Castiglioni, 1943.

\_\_\_\_\_. **Sonhos Mutilados.** Rio de Janeiro: Apollo, 1940

FÉRES, Opázia Chaim. **Recuperação de uma obra Poema "O mascate" de Assis Féres**. 2000, 835 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **Uma Anunciação: o absoluto de Assis Feres.** Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia, v. 41, nuova serie 27, 2003-2004.

FERREIRA, Cláudia Falluh Balduino. **A poesia árabe de guerra e o iconoclasmo islâmico: Uma dialética verbal e imagística.** Revista Tiraz, Revista de estudos árabes e das culturas do oriente, ano, 2, p.10-17, 2005

GALLAND, M. **As "Mil e uma noites".** Tradução de Alberto Diniz. São Paulo: Edigraf, [19--]. 4v.

GIDDENS, Antony. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

GUERRA, Lucia P. de Lucena R. **A condição feminina na obra de Tahar Ben Jelloon: Harrouda.** In: ENCONTRO NACIONAL DA MULHER E LITERATURA, 3, 1989, Florianópolis. Anais... Florianópolis:

2002.

HAJJAR, Claude Fahd. **Imigração árabe cem anos de reflexão.** São Paulo: Ícone, 1985.

HALL, Stuart. **A identificação cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HADDAD, Jamil Almansur. **Interpretações das mil e uma noites.** Conferência Proferida na Semana de Estudos Árabes, 1986. Disponível em:  
<http://www.hottopos.com/collat6/jamyl.htm> acesso em: dez. 2006.

\_\_\_\_\_. **Aviso aos navegantes ou a bala adormecida no bosque.** São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

\_\_\_\_\_. **O romantismo brasileiro e as sociedades secretas do tempo.** São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1945

\_\_\_\_\_. **Álvares de Azevedo, a maçonaria e a dança.** São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1959.

\_\_\_\_\_. **A lua do remorso.** São Paulo: Martins, 1951.

\_\_\_\_\_. **Poemas: orações roxas, novas orações negras, orações vermelhas.** 3.ed. São Paulo: Cultura, 1944.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Curso de estética: o sistema das artes.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IEGÉLSKI, Francini. **Tempo e Memória, Literatura e História. Alguns apontamentos sobre lavoura arcaica de Raduan Nassar e Relatos de um certo oriente de Milton Hatoun.** 2006, 150f. Dissertação (Mestrado em Línguas Orientais) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

JOHNSON, Robert A. **WE: a chave da psicologia do amor romântico.** São Paulo: Mercuryo, 1987.

KEMEL, Cecília. **Sírios e libaneses: aspectos da identidade no sul do Brasil.** Santa Cruz do Sul: EDUNISP, 2000.

KNOLTOWN, Clark. **Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial.** São Paulo: Ícone, 1985.

LE BON, Gustave. **A Civilização árabe**. Curitiba: Grafipar, 1974.

MENDES, José Manuel Oliveira. **O desafio das identidades**. In: SANTOS, Boaventura de Souza. **Globalização e ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002, p.503-539.

MATOS, Olgária Chain Feres. **Discretas esperanças: reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo**. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

----- **Filosofia: A polifonia da razão**. São Paulo: Scipione, 1997.

MIRANDA, Ana. Amrik. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890 – 1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAHIB, Hani Al. **Dom Quixote**. Tradução de Aida R. Hanania. Disponível em: [http://www.hottopos.com/collatio/dom\\_quixote\\_hani\\_alrahib.htm](http://www.hottopos.com/collatio/dom_quixote_hani_alrahib.htm). Acesso em: 11 maio 2007.

SAHR, Wolf – Dietrich.

**Em meio aos mundos um mundo no meio: vivência e significado da imigração nas sociedades caribenhas**. Migraciones de la Poblacion Latinoamericana y sus efectos sócio-econômicos. Worszawa: Cesla, 1998.

SAHR, Wolf – Dietrich; SAHR, C. L. L. **Menonitas brasileiros às margens do mundo nacional: um estudo de geografia social e cultural. O espaço geográfico em análise**. RA' EGA, Curitiba, v.4, n. 4, p. 61-84, 2001.

SLEIMAN, Michel. **Os novos poetas das areias**. In: BIBLIOTECA entre livros. São Paulo, 2006. p. 73-75.

SOARES, Vera Lúcia. **Violência, gênero e poder na literatura de Assia Djebar e Leila Sebbar**. Alea: Estudos Neolatinos, v.5., n.1, p.71-82, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alea/v5n1/20348.pdf>. Acesso em: 15 jan.2007.

TRUZZI, Oswaldo M. S. **Sírios e Libaneses e seus descendentes. Na sociedade paulista**. In: FAUSTO, Boris. (Org.). Fazer a América. São Paulo: EDUSP, 2000. p. 317- 351.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a cidade: na história e na literatura**. Tradução Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das

Letras, 1989

ZEGHIDOUR, SLIMANE. **A poesia árabe moderna no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

ZUMTHOR, Paul. Escritura e nomadismo. Cotia : Ateliê Editorial, 2005.